



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Aceitação-Rejeição Parental e Confiança Interpessoal
nas Relações Íntimas**

Ana Rita da Silva Santos (e-mail: arssantos.1991@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora
Doutora Maria da Luz Vale Dias

Aceitação-Rejeição Parental e Confiança Interpessoal nas Relações Íntimas

Resumo: As relações fazem parte da existência humana, sendo que o humano é concebido dentro de relações, nasce em relações e vive a sua vida relacionando-se com outros. As relações representam um facto fundamental para a condição humana. A família e sobretudo os pais são centrais na existência humana, assumindo um importante papel no processo de desenvolvimento de relações. Por seu lado, a confiança interpessoal desempenha um papel fundamental na formação e manutenção de relações íntimas (Rotenberg, 2001). Apesar da quantidade de investigações sobre a confiança, estas tornam-se escassas no que respeita aos fatores que contribuem para o seu desenvolvimento (Rotenberg, Betts, Eisner, & Ribeaud, 2012). Desta forma, esta investigação tem como objetivo primordial estudar o papel que determinadas variáveis familiares, nomeadamente a aceitação-rejeição parental, têm no desenvolvimento da confiança interpessoal nas relações íntimas, e mais propriamente, com o par amoroso, a partir da jovem adultez. Para tal, utilizou-se uma amostra de 302 sujeitos, com idades a partir dos 18 anos, que tivessem mantido uma relação durante, pelo menos, seis meses, pedindo-lhes que completassem um Questionário Sociodemográfico, a adaptação portuguesa da *ADULD PARQ: Mother/Father (Short Form)* (Rohner, 2004; versão portuguesa, Franco-Borges & Vaz-Rebelo, 2010) e a adaptação portuguesa da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (Rotenberg, 2013; versão portuguesa de Vale-Dias & Franco-Borges, 2014). Segundo a hipótese formulada, expecta-se que a qualidade das relações familiares constituirá, por si só, uma variável preditora do desenvolvimento da confiança interpessoal em relações íntimas, tendo em conta que é na interação familiar que se encontram os protótipos para as relações íntimas futuras (Berscheid & Peplau, 1983 cit. in Berscheid *et al.*, 1983).

Os resultados encontrados neste estudo revelam a existência de relações de associação e de influência, ainda que modestas, entre a aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal depositada no par amoroso. O sexo foi uma variável que revelou também influenciar a confiança interpessoal.

Esta investigação pretende assim salientar e divulgar a importância que as relações familiares têm no estabelecimento da confiança interpessoal no seio de uma relação íntima, no sentido de auxiliar na promoção de famílias, e principalmente pessoas confiáveis. Sendo que uma relação tem como objetivo provável a constituição da base de uma família.

Palavras chave: Aceitação-Rejeição Parental; Confiança Interpessoal; Par Amoroso.

Parental acceptance-rejection and Interpersonal Trust in Intimate Relationships

Abstract: Relations are part of human existence, and the human is conceived within relationships, is born in relationships and lives his life relating with others. Relationships represent a fundamental fact for the human condition. The family and especially parents are central to human existence. In turn, interpersonal trust plays a key role in the formation and maintenance of intimate relationships (Rotenberg, 2001). Despite the amount of research on trust, they become scarce regarding the factors that contribute to its development (Rotenberg, Betts, Eisner, & Ribeaud, 2012). Thus, this research primarily aims to study the role that certain family variables, including the parental acceptance-rejection, have in the development of interpersonal trust in close relationships, and more specifically, with the loving couple, from young adulthood. For this purpose, a sample of 302 subjects, will be used with ages from 18 years old who have maintained a relationship for at least six months, that will complete a Sociodemographic Questionnaire, the Portuguese adaptation of *ADULD PARQ: Mother/Father (Short Form)* (Rohner, 2004, portuguese version, Franco-Borges & Vaz-Rebello, 2010) and the portuguese adaptation of *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (Rotenberg, 2013; portuguese version of Vale-Dias & Franco-Borges, 2014). Considering our hypothesis it is expected that the quality of family relationships constitutes, by itself, a predictor of the development of interpersonal trust in close relationships, given that family interactions are prototypes for future intimate relationships (Berscheid & Peplau, 1983 cit. in Berscheid *et al.*, 1983).

The results of this study reveal the existence of relations of association and influence, although modest, between parental acceptance-rejection and interpersonal trust in the loving couple.

This research therefore aims to show the importance that family relationships have in the establishment of interpersonal trust within an intimate relationship, in order to help promote families and specially people of trust. Since a family has as a probable objective the establishment of the basis of a family.

Key words: Parental Acceptance-Rejection; Interpersonal trust; Loving couple.

Agradecimentos

Aos meus pais e ao meu irmão, Marco, por me terem permitido chegar até aqui. Obrigada por tudo;

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias, pela disponibilidade, orientação e pelo apoio fundamental;

À Professora Doutora Graciete Franco-Borges, por toda a disponibilidade em ajudar;

Ao Davide, pela paciência, força e por nunca me deixares desistir. Obrigada por seres quem és e por estares na minha vida;

Aos do 22, Alexandre e Raquel, por terem estado sempre presentes e me permitirem crescer. Sinto-me priverligiada em tecer uma amizade tão grande convosco;

Às minhas amigas da PEDDA, Carolina e Soraia, por terem aumentado o meu sorriso em cada um dos momentos partilhados;

À Joana, pela disponibilidade que sempre demonstrou;

Ao Tiago, pela força e espírito cooperativo com que sempre me encarou;

Às minhas amigas, não de sempre mas para sempre, Patrícia, Mafalda, Andreia Nogueira, Rute, Cheila, Iolanda e Joana, por todas as partilhas ao longo destes anos, e por terem acrescentado luz à minha vida;

À Andreia, um muito obrigada por estar na minha vida e a colorires há tantos anos;

À Silvana, pelo laço tão especial e pelo apoio que sempre me deu;

À minha “Malta”, Joázinha, Mariana, Ana Rita, Couto, Jomi, Rui, Doca, Justino, Gato e Fred, por serem parte da minha felicidade e dos meus sucessos;

À Bárbara, pela colaboração intensiva neste trabalho;

A todas as pessoas que se disponibilizaram a colaborar nesta investigação, de uma forma ou de outra, um enorme obrigada!

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento concetual.....	3
1) Confiança Interpessoal.....	3
1.1 O conceito de Confiança Interpessoal.....	3
1.2 Teoria e Modelo de Rotenberg.....	4
2) Relações Interpessoais	5
2.1 Influência das Relações Precoces.....	5
2.2 Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal – <i>IPARTh</i> (formalmente conhecida como <i>PARTh</i>)	7
II – Objetivos	10
III - Metodologia.....	11
Amostra.....	11
Instrumentos.....	15
□ Questionário Sociodemográfico.....	15
□ Escala de Confiança Interpessoal.....	15
□ Questionário de Aceitação-Rejeição Parental.....	16
Procedimentos.....	16
IV – Resultados.....	17
□ Descritivas das Variáveis em Estudo.....	17
□ Análise Fatorial Exploratória.....	19
□ Consistência Interna.....	21
□ Relação entre as Variáveis: Teste das Hipóteses	22
Estudo da relação entre a aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal no par amoroso.....	22
Estudo da relação entre as variáveis sociodemográficas e a confiança interpessoal no par amoroso.....	24
V – Discussão.....	25
VI - Conclusões.....	28
Bibliografia	30
Anexos	34
Anexo I – Consentimento Informado	
Anexo II – Questionário Sociodemográfico	
Anexo III – Escala de Confiança Interpessoal	
Anexo IV – ADULT PARQ: Father	
Anexo V – ADULT PARQ: Mother	

Índice de Tabelas

Tabela 1. Dados descritivos – Idade (N=302).....	11
Tabela 2. Dados descritivos – Sexo (N=302).....	11
Tabela 3. Dados descritivos – Língua Materna (N=302).....	11
Tabela 4. Dados descritivos – Grau de Escolaridade (N=302).....	12
Tabela 5. Dados descritivos – Emprego (N=302).....	12
Tabela 6. Dados descritivos – Nível Socioeconómico (N=302).....	13
Tabela 7. Dados descritivos – Estatuto Marital (N=302).....	13
Tabela 8. Dados descritivos – Localidade/Residência (N=302).....	14
Tabela 9. Dados descritivos – Relacionamento Atual (N=302).....	14
Tabela 10. Dados descritivos – Tempo do Relacionamento Atual (N=302).....	14
Tabela 11. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo para Amostra Total (N=302).....	18
Tabela 12. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo para Amostra Masculina (N=100).....	18
Tabela 13. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo para Amostra Feminina (N=202).....	19
Tabela 14. KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett (ECI).....	19
Tabela 15. Sumário de itens e fator <i>loadings</i> com rotação oblíqua <i>Promax</i>	20
Tabela 16. Total de Variância Explicada (Método de Extração: <i>Principal Axis Factoring</i>) (ECI).....	21
Tabela 17. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal (Completa – Para 10 e para 7 itens).....	21
Tabela 18. Consistência Interna para os 7 itens da <i>Rotenberg's Specific Trust-Scale-Adults</i> (adaptação portuguesa).....	22
Tabela 19. Valores do Coeficiente de Correlação de Pearson A-R paterna e materna vs. Confiança Interpessoal e Fatores.....	23
Tabela 20. Regressão Linear entre VSD e a CI.....	25

Introdução

A confiança interpessoal encontra-se em praticamente todos os aspetos do funcionamento social e tem efeitos profundos na saúde física e mental do ser humano, desempenhando um papel fundamental na formação e na manutenção de relações (Rotenberg, 2001; 2010). Sabe-se também que, para um desenvolvimento social e emocional saudável, as crianças precisam de respostas positivas (aceitação) dos pais e de outros cuidadores primários (Rohner, Khaleque e Cournoyer, 2005).

No que respeita à confiança interpessoal, pode-se mesmo afirmar que a sua existência é vital para o funcionamento afetivo em todos os níveis dos sistemas humanos: nações, organizações, grupos, díades e indivíduos (Butler, 2001).

No entanto, apesar da importância nuclear da confiança para o funcionamento saudável dos seres humanos, pouco se sabe sobre como e porque esta característica se desenvolve e se mantém (Simpson, 2007). Na Teoria da Confiança Interpessoal de Rotenberg (1994), este parte do princípio de que a confiança interpessoal tem uma forte qualidade recíproca (Rotenberg, 2001), na medida em que numa relação diádica, a confiança de uma segunda pessoa na primeira depende da confiança transparecida por esta (Rotenberg, 1994).

Analisando a formação e desenvolvimento das relações humanas, considera-se que os protótipos de relações são esquematizados aquando do estabelecimento das relações precoces, sendo que representam os primeiros modelos de relações dos indivíduos (Baldwin, 1992; Huyck & Hoyer, 1982). Para além de influenciar as relações futuras, a qualidade das relações precoces poderá ter impacto em diversas dimensões e contextos de desenvolvimento. Numa análise interessante, segundo a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (formalmente conhecida como Teoria da Aceitação-Rejeição Parental), os indivíduos que se sentem rejeitados por pessoas significativas serão mais ansiosos e inseguros. Mais especificamente, crianças que se sentem rejeitadas pelos seus cuidadores, estarão mais predispostas ao desenvolvimento de representações mentais distorcidas sobre si próprias, sobre figuras significativas e sobre o mundo em geral (Rohner, 2004).

Assim, tendo em conta que as relações precoces são na sua maioria estabelecidas com os pais e que elas poderão influenciar diversos aspetos das relações futuras, esta investigação centrou-se em examinar, particularmente, a influência que a perceção de aceitação-rejeição parental tem no desenvolvimento da confiança interpessoal, em contexto de relações íntimas (no par amoroso).

Para além disso, esta investigação pretende também, no que ao estudo da confiança interpessoal diz respeito, dar seguimento a estudos prévios no sentido de contribuir para a adequação de uma versão portuguesa da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (Rotenberg, 2013; versão

portuguesa de Vale-Dias e Franco-Borges, 2014).

Ao longo deste estudo, no seu enquadramento concetual, serão revistas as conceções sobre a confiança interpessoal, centrando-nos com mais pormenor na formação da confiança interpessoal partindo da perceção das relações com os pais. Serão centrais nesta abordagem o modelo de confiança interpessoal de Rotenberg (1994) e a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal de Rohner (2004).

Na presente pesquisa, de natureza quantitativa, foi aplicada a Escala de Confiança Interpessoal para adultos (adaptação portuguesa de Vale-Dias e Franco-Borges, 2014, da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*), o Questionário de Aceitação-Rejeição Parental para Adultos (adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebelo, 2010, do *ADULT PARQ – The Parental Acceptance-Rejection Questionnaire, Short Form*) e recorreu-se a um Questionário Sociodemográfico para recolha de dados pessoais (*cf.* Anexos).

O presente estudo apresenta-se como inovador relativamente às questões específicas que se pretendem estudar, por exemplo no que se refere à análise da associação entre as principais variáveis em estudo, podendo ser um contributo importante para investigações posteriores.

I – Enquadramento concetual

1) Confiança Interpessoal

1.1 O conceito de Confiança Interpessoal

Para alguns autores a confiança é definida como “um estado psicológico que compreende a intenção de aceitar a vulnerabilidade baseada nas expectativas positivas das intenções do comportamento do outro” (Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998, p. 395). Na perspetiva de Simpson (2007), um dos ingredientes mais importantes para o desenvolvimento e a manutenção da felicidade e do bom funcionamento das relações é a confiança, que “envolve a justaposição das esperanças e aspirações mais elevadas das pessoas com as suas preocupações e os seus medos mais profundos” (p. 264). A confiança não é um comportamento ou uma escolha, mas uma condição psicológica subjacente que pode causar determinadas ações, ou resultar de certas ações (Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998).

Duas das maiores teorias de desenvolvimento (Bowlby, 1969; Erikson, 1963) constroem-se na premissa de que elevados níveis de confiança nas relações precoces criam as bases psicológicas para a felicidade e para o bom funcionamento das relações na vida adulta (Simpson, 2007). A Teoria da Vinculação de Bowlby (1969) postula que através das experiências precoces com os seus cuidadores, as crianças fomentam modelos de trabalho internos de relações, que são incorporados mais tarde nas suas relações íntimas (Baldwin, 1992). Na Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1963) é postulado que, ao longo do desenvolvimento, os indivíduos passam por várias fases, e que em cada uma delas se deparam com uma tarefa desenvolvimental, sendo que na infância a tarefa desenvolvimental que as crianças enfrentam é a de confiança básica *vs.* desconfiança, nos seus cuidadores, e é nesta altura que se estabelecem os modelos mentais sobre relações, que vão afetar o subsequente desenvolvimento de relações sociais (Rotenberg, 2001).

Segundo o Modelo de Regulação do Risco, confiar na capacidade de resposta de um parceiro funciona como um sinal de segurança (Murray, Holmes, & Collins, 2006). A confiança é vivenciada como um estado de conforto (ou desconforto) na presença do parceiro, e como uma antecipação de ganho (ou perda), através da dependência em relação ao outro (Holmes & Rempel, 1989). Na perspetiva de Wielselquist et al. (1999) ser mais confiante possibilita ganhos e permite que as pessoas estabeleçam relações mais fortes. Por outro lado, não ser tão confiante propicia perdas e motiva os esforços comportamentais para reduzir a proximidade ao parceiro, ou seja, para evitá-lo. Butler (2001) apontou a confiança interpessoal como sendo vital para o bom funcionamento de todos os níveis dos sistemas humanos: nações, organizações, grupos, duplas e indivíduos.

Também as primeiras conceções de confiança se focaram na

“confiança básica” como sendo uma componente essencial para uma personalidade saudável (Erikson, 1966). Além da especificidade de uma pessoa de confiança, uma outra questão diz respeito à reciprocidade da confiança, sendo que a literatura sugere que a confiança de uma pessoa noutra influencia fortemente a confiança da outra naquela pessoa (Rotenberg, 1994; Butler, 2001).

A confiança é fundamental para a eficiência, o ajustamento e a sobrevivência de um grupo social. A confiança interpessoal é definida, segundo Rotter (1967), como “a esperança de um indivíduo ou grupo, em como a palavra, promessa e declaração, verbal ou escrita, de outro indivíduo ou grupo, pode ser invocada” (p. 651). Ainda segundo o mesmo autor, o desenvolvimento da atitude de confiar pode ser aprendida diretamente a partir de comportamentos dos pais, professores, pares, e também a partir de declarações verbais sobre outros, feitas por pessoas significativas ou de confiança, e até mesmo por fontes de comunicação confiáveis, tais como jornais e televisão. Surpreendentemente, aprende-se a não confiar em grupos ou pessoas sem experiências pessoais que validem essa desconfiança, mas através do ensinamento de não confiar, dado pelas pessoas em quem se confia. Existem estudos que sugerem fortemente que crianças que experienciam uma grande proporção de promessas cumpridas pelos pais e outras figuras de autoridade, no passado, têm uma maior expectativa generalizada para confiar em outras figuras de autoridade (Rotter, 1967).

Por conseguinte, considerando a confiança interpessoal como uma das mais importantes características para o estabelecimento e a manutenção de relações afetivas, e a importância destas na vida de cada indivíduo, revela-se interessante perceber o que pode afetar e ocasionar o seu desenvolvimento.

1.2 Teoria e Modelo de Rotenberg

O modelo de Rotenberg (1994) parte do princípio de que a confiança interpessoal tem uma forte qualidade recíproca (Rotenberg, 2001; 2010). Neste modelo existem 3 bases de confiança, 3 domínios e 2 dimensões alvo (Rotenberg, 2010; Rotenberg, Betts, Eisner & Ribeaud, 2012).

Relativamente às 3 bases da confiança, estas caracterizam-se por: (a) *fidelidade*, que se refere ao cumprimento da palavra ou promessa; (b) *confiança emocional*, que se refere à crença de que as outras pessoas se abstêm de causar danos emocionais, e estão recetivas a revelações, mantendo a sua confidencialidade, abstendo-se de críticas, e evitando atos que provoquem embaraço; e, (c) *honestidade*, que pressupõe dizer-se a verdade, dedicar-se a comportamentos que sejam guiados por intenções benígnas e estratégias genuínas em detrimento de intenções maliciosas e estratégias manipulativas e enganadoras (Rotenberg, 1994; Rotenberg, 2001; Rotenberg, 2010; Rotenberg, MacDonald & King, 2002).

No que respeita aos domínios da confiança interpessoal, (a) o *cognitivo/afetivo* compreende as crenças individuais sobre a confiabilidade dos outros, acreditando que agem de forma confiável, emocional e honestamente; (b) a *confiança dependente do comportamento* diz respeito a

comportamentos baseados nas ações dos outros, sendo estas a alusão para os comportamentos confiáveis assumidos; e (c) a *iniciativa de comportamento* postula o envolvimento comportamental do indivíduo na promulgação das três bases da confiança (Rotenberg, 2010; Rotenberg, Betts, Eisner & Ribeaud, 2012).

As dimensões alvo da confiança interpessoal incluem: (a) *especificidade*, que varia da generalidade para uma pessoa específica; e (b) *familiaridade*, que varia desde o não familiar ao muito familiar (Rotenberg, 2001; 2010).

Em relação à qualidade recíproca da confiança interpessoal, defendida por Rotenberg (1994), esta baseia-se no facto de, numa relação diádica, a confiança de uma segunda pessoa na primeira depender da confiança transparecida por esta na segunda. Esta confiança recíproca ou mútua é potencialmente obtida através da reciprocidade comportamental, na qual as pessoas correspondem a comportamentos de confiança umas das outras; ou da reciprocidade verbal, através da qual cada pessoa corresponde a expressões verbais de confiança da outra (Rotenberg, 1994; 2010).

Através do modelo da confiança interpessoal de Rotenberg, apreende-se que esta característica requer outras características, e que é passível de existir em todos os contextos de vida. A confiança é tida como imprescindível ao bom funcionamento de todas as relações, estando a presente investigação cingida à confiança mantida no parceiro íntimo, procurando averiguar em que sentido esta será influenciada pela aceitação e rejeição parental na infância.

2) Relações Interpessoais

2.1 Influência das Relações Precoces

As experiências mais cruciais para o desenvolvimento ocorrem na família, na medida em que para a maioria das pessoas, os primeiros modelos de afeição e de amor ocorrem nesse mesmo contexto, através das interações que ocorrem na infância. As primeiras experiências de amor são particularmente poderosas, e elas influenciam, consciente, bem como inconscientemente, as respostas emocionais que damos aos outros, mais tarde. As relações precoces podem facilitar o funcionamento da vida posterior, ou podem ser destrutivas, se forem exploradoras e não confiáveis. A capacidade de confiar em si mesmo e nos outros pode ser danificada ao ponto de comprometer os relacionamentos mantidos com outros. Neste seguimento, a capacidade para a intimidade e a permanência em relações pessoais parece aumentar com a experiência, embora em momentos de crise a capacidade para aprender novas respostas possa estar condicionada pelos mecanismos de defesa do indivíduo. As relações com cada um dos pais, que são estabelecidas principalmente durante a infância, e os sentimentos habituais sobre as relações desenvolvidas na idade adulta parecem ser um misto de afirmação, decepções, orgulho e raiva reprimida anteriormente

(Huyck & Hoyer, 1982).

As relações mais precoces entre a mãe e o adolescente estão distintivamente associadas à conexão e à atração sexual nos relacionamentos amorosos dos jovens adultos e as relações distantes entre pai e filho, na adolescência, estão relacionadas com amor ansioso, desenvolvido mais tarde (Seiffge-Krenke, Overbeek, & Vermulst, 2010). No entanto, pouco se sabe acerca das raízes do desenvolvimento da capacidade de sustentar compromissos duradouros com parceiros românticos, com sucesso (Seiffge-Krenke, Overbeek, & Vermulst, 2010), pelo que se torna interessante investigar até que ponto a confiança, que assume um papel indispensável na manutenção de relações, estará ou não relacionada com as relações estabelecidas com os pais durante a infância.

No que respeita a esta conexão entre relações precoces e o estabelecimento da intimidade interpessoal, mais tarde, sabe-se que este é amplamente considerado como uma tarefa central no desenvolvimento do jovem adulto (Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000; Feldman, Gower, & Fisher, 1998). Várias são as abordagens teóricas que postulam que a qualidade das relações precoces com os pais pode contribuir para as diferentes qualidades românticas, na adultez, tais como a teoria da socialização e a da vinculação. Por exemplo, experienciar relações negativas no contexto familiar durante a adolescência pode predispor os indivíduos a variados défices nas relações românticas, mais tarde (Seiffge-Krenke, Overbeek, & Vermulst, 2010). Embora pouco se saiba sobre o que predispõe os adultos a se relacionarem, conflituosa ou harmoniosamente, com os seus parceiros românticos, a influência da qualidade das relações enquanto criança é um facto. Algumas investigações sugerem isso mesmo – a qualidade das relações com os pais em criança está associada à qualidade das relações íntimas em adulto. Por exemplo, na sua investigação, Quinton, Rutter e Liddle (1984) descobriram que, ao comparar raparigas que foram criadas em famílias com raparigas que foram criadas em ambientes institucionais, estas estavam mais propensas a experimentar instabilidade nos seus relacionamentos amorosos e problemas conjugais na vida adulta.

Os resultados da investigação de Seiffge-Krenke, Overbeek e Vermulst (2010), que estudaram diferentes trajetórias longitudinais das relações pais-filhos, no que respeita a mudanças na proximidade, suporte e encontros conflituosos, e analisaram as respetivas ligações com os diferentes resultados românticos dos filhos, em dois momentos diferentes, na jovem adultez, sugerem que o desenvolvimento do interesse romântico está inerentemente ligado à tarefa de separação e individualização da família, e que o padrão de experiências de suporte e proximidade nas relações pais-filhos se encontra paralelo aos relacionamentos significativos posteriores dos filhos, com parceiros românticos.

No final da adolescência, os parceiros românticos assumem a posição mais alta na hierarquia da promoção de suporte, superando os pais (Seiffge-Krenke, 2003). Estas novas relações são importantes para um desenvolvimento psicossocial saudável, atendendo a que a criação e a manutenção de relações íntimas de sucesso são as principais tarefas de

desenvolvimento no final da adolescência e na jovem adultez (Rotenberg, 2001).

A investigação mostrou que as relações amorosas na adolescência são formativas, no sentido em que se tornam o modelo para progredir na “carreira” romântica (Seiffge-Krenke, 2003). Os relacionamentos na jovem adultez tornam-se mais duradouros, e incluem aspetos de proximidade, afeto e suporte (Brown, 1999). A principal questão a respeito das relações românticas na jovem adultez prende-se com o facto de a sua qualidade e natureza estar ou não estar dependente das experiências precoces dos indivíduos nas relações com os seus pais (Waldinger *et al.*, 2002). Por conseguinte, esta investigação centra-se na análise de determinadas variáveis familiares que possam influenciar a qualidade da confiança interpessoal no parceiro romântico.

A Teoria da Aprendizagem Social, particularmente aplicada na abordagem contextual de desenvolvimento (Conger *et al.*, 2000), sugere que as experiências precoces dos indivíduos nas relações com a sua família influenciam o seu funcionamento em relações posteriores (Seiffge-Krenke, Overbeek, & Vermulst, 2010). Ambientes caracterizados por flexibilidade, afeto e apoio à autonomia, fomentam nos adolescentes características que os capacitam a ter parceiros íntimos e próximos, na jovem adultez (Feldman *et al.*, 1998). Além disso, os adolescentes modelam a forma como gerem conflitos com os seus próprios parceiros, através do comportamento dos seus pais (Amato & Both, 2001; Stocker & Richmond, 2007). A investigação tem fundamentado que ligações desfavoráveis com os pais impedem o desenvolvimento da capacidade para estabelecer e manter relações românticas satisfatórias (Ainsworth, 1989).

Tendo em conta que a literatura afirma que é a partir das relações precoces, estabelecidas na relação com os cuidadores aquando da prestação de cuidados, que se criam as bases para o desenvolvimento de relações interpessoais ao longo da vida, a presente investigação visa a confirmação ou desconfirmação desta ideia. Caso se observe a confirmação, pode-se considerar que, quando a existência de relações precoces saudáveis é nula ou deturpada, o desenvolvimento posterior de relações saudáveis, com características como a confiança interpessoal, se torna problemático.

2.2 Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal – *IPARTh* (formalmente conhecida como *PARTh*)

Os primeiros estudos sobre a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (*Interpersonal Acceptance-Rejection Theory - IPARTheory*), formalmente conhecida como Teoria da Aceitação-Rejeição Parental (*Parental Acceptance-Rejection Theory – PARTheory*), reportam-nos ao ano de 1890 (Stogdill, 1937) e atualmente existem muitos estudos disponíveis sobre a temática. A perceção de aceitação-rejeição parental designa a interpretação que as crianças e os adultos fazem dos comportamentos dos seus cuidadores. Mais especificamente, crianças e adultos organizam as perceções de aceitação-rejeição parental em torno de quatro classes de

comportamento: 1) *afetuosidade*, 2) *agressão*, 3) *indiferença/negligência* e 4) *rejeição indiferenciada*. Segundo esta teoria, as pessoas que se sentem rejeitadas por pessoas significativas serão mais ansiosas e inseguras. Mais especificamente, crianças que se sentem rejeitadas pelos seus cuidadores, estarão mais predispostas ao desenvolvimento de representações mentais distorcidas sobre si próprias, sobre figuras significativas e sobre o mundo em geral (Rohner, 2004). Embora a aceitação e a rejeição parental nos remeta para o comportamento que os pais (ou outros cuidadores significativos) têm para com os seus filhos, segundo Kagan (1978), “a rejeição parental não é um conjunto específico de ações por parte dos pais, mas uma crença mantida pela criança” (p. 61), o que nos dá a alusão de que a partir do momento em que uma criança fomenta uma crença de rejeição, esta a acompanha ao longo da sua vida e a limita no estabelecimento de relações.

Esta teoria baseia-se na teoria da socialização e desenvolvimento ao longo da vida e tenta prever e explicar as principais causas e consequências da aceitação e rejeição dos pais (Rohner, 1986, 2004). Tendo em conta a resposta a três tipos de questões que se relacionam com a personalidade, as estratégias de *coping* e os sistemas socioculturais, edificam-se as subteorias desta teoria (Rohner, 2004; Rohner, Khaleque e Cournoyer, 2005).

A subteoria da Personalidade pretende prever e explicar as consequências para a saúde psicológica, e para a personalidade, da perceção de aceitação e de rejeição parental. De acordo com esta subteoria, a perceção de rejeição parental tem efeitos na personalidade e no desajustamento psicológico, que incluem hostilidade, agressão, agressão passiva ou problemas de gestão da hostilidade e agressividade, problemas psicológicos, apatia emocional, baixa autoestima, baixa autoadequação, instabilidade emocional, visão negativa do mundo, e leva ainda a uma necessidade de constante reafirmação e suporte emocional (dependência), ou a uma independência defensiva, dependendo da forma, frequência, duração e intensidade da rejeição percebida. Isto é, pessoas que experienciam rejeição estão suscetíveis de desenvolver uma visão do mundo – da vida, das relações interpessoais, e da própria natureza da existência humana – como sendo indigno de confiança, hostil, inseguro, ameaçador ou perigoso (Rohner, 2004; Rohner, Khaleque e Cournoyer, 2005).

A subteoria de *Coping* lida com a questão de como alguns indivíduos rejeitados parecem capazes de resistir aos efeitos da rejeição, sem sofrer as consequências negativas para a saúde mental (Rohner, 2004).

A subteoria dos Sistemas Socioculturais tenta prever e explicar as causas mundiais da aceitação e rejeição dos pais, defendendo a ideia de que a rejeição parental ocorre num contexto complexo ecológico (familiar, comunitário e sociocultural). Fornece ainda uma maneira de pensar sobre os antecedentes, as consequências e outros correlatos da aceitação-rejeição parental dentro dos indivíduos e das sociedades totais, procurando compreender como as crenças e os comportamentos individuais estão relacionados com o contexto social a que os pais pertencem (Rohner, Khaleque e Cournoyer, 2005).

Rohner, Khaleque e Cournoyer (2005) iniciaram o seu estudo sobre a

aceitação-rejeição parental há quase quatro décadas, em resposta a premissas de cientistas ocidentais, que defendiam que o amor parental era essencial para um desenvolvimento social e emocional saudável. Depois de muitos estudos acerca desta temática, e mais especificamente inspirados pela teoria da aceitação-rejeição parental, uma conclusão é clara: as crianças precisam de respostas positivas (aceitação) dos pais e de outros cuidadores primários. Na teoria da aceitação-rejeição interpessoal o termo cuidadores é definido como a pessoa que teve a responsabilidade de facultar os cuidados primários à criança (Rohner, Khaleque e Cournoyer, 2005).

Crianças e jovens que se apercebem da rejeição estão mais predispostos a desenvolverem problemas e distúrbios comportamentais, instabilidade emocional e depressão, e envolverem-se em abusos. Neste seguimento, interessa referir que cerca de 21% da variabilidade do ajustamento psicológico em adultos pode ser explicado por experiências precoces de aceitação-rejeição dos seus cuidadores. Assim, as evidências confirmam que a perceção de aceitação-rejeição parental, por si só, é universalmente apontada como uma poderosa preditora de ajustamento psicológico e comportamental, ao longo da vida (Rohner, Khaleque e Cournoyer, 2005). Segundo estudos realizados em Portugal, parece existir uma influência daquela perceção também a nível do desenvolvimento da parentalidade, nomeadamente, em relação às atitudes face à gravidez (Franco-Borges, Vaz-Rebelo e Vale Dias, 2013). Com efeito, as autoras referem que o nível de rejeição materno durante a infância, percebido pelas grávidas, constitui um preditor de atitudes negativas face à gravidez.

Parmar e Rohner (2005) analisaram a forma como as experiências de aceitação-rejeição parental em criança medeiam a relação entre a perceção de aceitação do parceiro íntimo e o ajustamento psicológico em adultos. Os resultados confirmam a existência dessa ligação, sendo que para ambos os sexos a aceitação do parceiro íntimo e a aceitação paterna (mas não materna) predizem o ajustamento psicológico em adulto, embora no caso do sexo masculino a aceitação do parceiro íntimo tenha mais peso nesse ajustamento.

Rohner, Melendez e Kraimer-Rickaby (2008) exploraram a relação entre a perceção da aceitação do parceiro e o ajustamento psicológico do adulto, partindo do pressuposto desta relação ser mediada pelas memórias de aceitação-rejeição parental ao longo da infância. Os resultados confirmaram esta associação, tanto para os sujeitos do sexo masculino, como feminino. Observou-se ainda que a aceitação paterna percecionada durante a infância mediava a relação entre a perceção da aceitação do parceiro e o ajustamento psicológico feminino (mas não o masculino).

Também Varan (2005) procurou investigar a ligação entre a perceção da aceitação-rejeição parental, em criança, e a perceção da aceitação-rejeição no parceiro, em adulto. Os resultados comprovam essa ligação, na medida em que adultos que sentiram altos níveis de rejeição enquanto crianças, também o sentem com o seu parceiro. E, por outro lado, aqueles que sentiram aceitação, pelos pais, sentem-na igualmente no seu parceiro íntimo.

Em suma, e com as evidências de investigação já conhecidas, que revelam a importância fulcral de ser aceite pelos pais enquanto criança, para

o estabelecimento e um bom desenvolvimento das relações futuras, torna-se interessante analisar até que ponto a confiança interpessoal no parceiro romântico, em adulto, é estabelecida e mantida ou afetada e inexistente, em prol da aceitação ou rejeição parental em criança, respetivamente.

II – Objetivos

De acordo com a revisão bibliográfica, sabe-se que a IPARTheory (*Interpersonal Acceptance-Rejection Theory*) sustenta que crianças que se sentem rejeitadas pelos seus cuidadores estarão mais predispostas ao desenvolvimento de representações mentais distorcidas sobre si próprias, sobre figuras significativas e sobre o mundo em geral. Como tal, a presente investigação foi delineada tendo em conta um objetivo principal, que se estabelece na tentativa de perceber se, a partir da jovem-aduldez, a confiança interpessoal depositada no par amoroso está relacionada com a qualidade das diferentes relações estabelecidas com os pais ao longo da infância e até que ponto a aceitação-rejeição parental influencia a confiança interpessoal mantida no par amoroso.

Partindo do objetivo principal estabelecem-se outros objetivos específicos que pretendem, em primeiro lugar, contribuir para a adaptação da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (2013) (adaptação portuguesa de Vale-Dias e Franco-Borges, 2014). Outro objetivo específico da presente investigação passa por compreender se a influência de determinadas variáveis sociodemográficas pesa na qualidade da confiança interpessoal depositada no par amoroso e na aceitação e rejeição parental.

As principais hipóteses da presente investigação estabelecem-se da seguinte forma:

Hipótese 1 – Existe uma associação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal depositada no par amoroso.

Hipótese 2 – A perceção de aceitação-rejeição parental influencia a confiança interpessoal depositada no par amoroso.

Hipótese 3 – A aceitação-rejeição paterna tem maior influência do que a materna na qualidade da confiança interpessoal feminina depositada no par amoroso.

Hipótese 4 – A aceitação-rejeição paterna tem maior influência do que a materna na qualidade da confiança interpessoal masculina no par amoroso.

III - Metodologia

Amostra

A amostra para a presente investigação foi recolhida junto de pessoas com idade igual ou superior a 18 anos, que mantinham um relacionamento amoroso, sendo constituída por 302¹ sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos, cuja média de idades é de 29 anos (Tabela 1).

Tabela 1. Dados descritivos – Idade (N=302)

	Amostra Total
Média	29.02
DP	10.78
Mínimo	18
Máximo	63
Total	302

No que respeita ao sexo dos sujeitos, 33.1% são do sexo masculino (n=100) e 66.9% são do sexo feminino (n=202), o que demonstra o predomínio do sexo feminino nesta investigação, em relação ao sexo oposto (Tabela 2).

Tabela 2. Dados descritivos – Sexo (N=302)

	N	Percentagem %
Masculino	100	33.1
Feminino	202	66.9
Total	302	100

O Português é a língua materna para cerca de 99.3% dos sujeitos (n=300), sendo que para apenas 0.7% dos sujeitos (n=2) esta é diferente (Tabela 3).

Tabela 3. Dados descritivos – Língua Materna (N=302)

	N	Percentagem %
Língua Portuguesa	300	99.3
Outra	2	.7
Total	302	100

A maioria dos sujeitos (32.8%) possui uma licenciatura ou um grau

¹ Quando a dimensão da amostra é grande ($n \geq 30$) essa distribuição é aproximadamente normal, pela teoria do limite central (Maroco, 2007).

equivalente (n=99), 22.8% frequentaram a faculdade mas não concluíram a licenciatura (n=69), 14.9% dos sujeitos têm um grau inferior ao 12º ano de escolaridade (n=45), outros 14.9% têm o 12º ano (n=45), 7.3% têm o 12º ano com Diploma Profissional Específico (n=22), e outros 7.3% têm uma pós-graduação (n=22), como é possível observar na Tabela 4.

Tabela 4. Dados descritivos – Grau de Escolaridade (N=302)

	N	Percentagem %
Inferior ao 12º Ano	45	14.9
12º Ano	45	14.9
12º Ano com diploma profissional específico	22	7.3
Frequência da Faculdade sem conclusão de Licenciatura	69	22.8
Licenciatura ou Grau Equivalente	99	32.8
Pós-graduação ou Equivalente	22	7.3
Total	302	100

Relativamente ao emprego, cerca de 37.7% dos sujeitos estão empregados a tempo inteiro (n=114), 28.1% referem outro tipo de ocupação (por exemplo, *estudante*) (n=85), 18.2% estão desempregados e não se encontram à procura de emprego (por exemplo, novamente, *estudante*) (n=55), 8.9% dos sujeitos encontram-se desempregados e à procura de trabalho (n=27), e cerca de 6.3% estão empregados a tempo parcial (n=19) (Tabela 5).

Tabela 5. Dados descritivos – Emprego (N=302)

	N	Percentagem %
Desempregado e não à procura de Emprego	55	18.2
Desempregado à procura de Trabalho	27	8.9
Empregado a Tempo Parcial	19	6.3
Empregado a Tempo Inteiro	114	37.7
Outra	85	28.1
Não responde	2	.7
Total	302	100

A informação recolhida sobre a profissão dos sujeitos e dos respetivos pais foi tida como indicador do nível socioeconómico (NSE), categorizado segundo a proposta de Neves (2007), que diferencia cinco níveis (NSE Baixo, Médio-Baixo, Médio, Médio-Alto e Alto). Tendo isto em conta, cerca de 268 sujeitos forneceram dados suficientes para este cálculo, sendo que cerca de 28.5% dos sujeitos estão no nível médio (n=86), 24.5% encontram-se no nível médio-baixo (n=74), 20.2% encontram-se no nível médio-alto (n=61), 8.6% dos sujeitos têm um nível socioeconómico baixo (n=26), e

cerca de 7% dos sujeitos estão no nível alto (n=21), (Tabela 6).

Tabela 6. Dados descritivos – Nível Socioeconómico (N=302)

	N	Percentagem %
Alto	21	7
Médio-Alto	61	20.2
Médio	86	28.5
Médio-Baixo	74	24.5
Baixo	26	8.6
Não responde	34	11.3
Total	302	100

A maioria dos sujeitos desta amostra (62.6%) estão solteiros e nunca foram casados (n=189), 24.5% são casados e encontram-se a viver com o cônjuge (n=74), 10.3% não são casados mas encontram-se a viver com alguém, em união consensual (n=31), cerca de 1% é casado, mas não se encontra a viver com o cônjuge (n=3), outros 1% são divorciados (n=3), e 0.3% é casado, mas encontra-se a viver com alguém que não o cônjuge (n=1) (Tabela 7).

Tabela 7. Dados descritivos – Estatuto Marital (N=302)

	N	Percentagem %
Casado e a viver com o Cônjuge	74	24.5
Casado e a viver com alguém que não o Cônjuge	1	.3
Não casado e a viver com alguém (União Consensual)	31	10.3
Separado (Casado mas não a viver com o Cônjuge)	3	1.0
Divorciado	3	1.0
Solteiro (Nunca Casado)	189	62.6
Não responde	1	.3
Total	302	100

Tendo em conta que a amostra foi recolhida por todo o País, a área de residência/localidade dos sujeitos foi aglomerada por distritos, sendo que a maioria (43%) pertence ao distrito de Leiria (n=130), 28.1% pertence a Coimbra (n=85), 6.3% pertence a Aveiro (n=19). Embora a recolha tenha sido mais exaustiva no Centro do País, pode verificar-se, na Tabela 8, que foram incluídos sujeitos de todos os distritos de Portugal.

Tabela 8. Dados descritivos – Localidade/Residência (N=302)

	N	Percentagem %
Viana do Castelo	11	3.6
Braga	13	4.3
Vila Real	2	.7
Porto	4	1.3
Aveiro	19	6.3
Viseu	11	3.6
Guarda	1	.3
Coimbra	85	28.1
Castelo Branco	1	.3
Leiria	130	43.0
Santarém	4	1.3
Lisboa	7	2.3
Évora	9	3.0
Beja	1	.3
Açores	1	.3
Madeira	1	.3
Outros	1	.3
Não responde	1	.3
Total	302	100

Em relação à permanência numa relação íntima, cerca de 99.7% dos sujeitos responderam que se encontram numa relação (n=301), sendo que o único sujeito que se encontra fora deste parâmetro não respondeu à questão, como se pode verificar através da Tabela 9.

Tabela 9. Dados descritivos – Relacionamento Atual (N=302)

	N	Percentagem %
Sim	301	99.7
Não responde	1	.3
Total	302	100

Na Tabela 10 consegue perceber-se que a média da duração das relações mantidas pelos sujeitos é sensivelmente de 8 anos (M=8.02; DP=9.10). A amostra é composta por sujeitos que mantêm uma relação desde 1 ano até 37 anos (como podemos verificar através do mínimo e do máximo).

Tabela 10. Dados descritivos – Tempo do Relacionamento Atual (N=302)

	Média	D. P.	Moda	Mínimo	Máximo
Tempo da Rel. Atual	8.02	9.10	4.00	1.00	37.00

Instrumentos

Foram aplicados três questionários neste estudo: um Questionário Sociodemográfico, a Escala de Confiança Interpessoal (adaptação portuguesa de Vale-Dias e Franco-Borges, 2014) e o Questionário de Aceitação-Rejeição Parental para Adultos (adaptação portuguesa de Franco-Borges e Vaz-Rebelo, 2010).

➤ **Questionário Sociodemográfico**

Este instrumento, elaborado no âmbito da presente investigação, a partir de um modelo de Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008), contém 22 questões relativas à caracterização dos sujeitos (sexo, idade, etc.), à sua situação actual (nível de educação, emprego e ocupação) e à sua área de residência, bem como a dos seus pais, ao nível socioeconómico (habilitações literárias dos pais e profissão) e à sua situação relacional (estatuto marital, mantém/manteve um relacionamento amoroso e durante quanto tempo, etc.). De referir que, para efeitos de categorização das penúltimas variáveis (nível sócio-económico), foi tido como referência o estudo de Neves (2007).

➤ **Escala de Confiança Interpessoal**

A adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*, 2013), da autoria de Vale-Dias e Franco-Borges (2014), pretende medir a confiança, através de 10 itens, tal como a original. Estes itens implicam juízos sobre a confiança que indivíduos adultos sentem especificamente no seu par amoroso, numa escala do tipo Likert de 9 pontos (1 – Concordo Totalmente a 9 – Discordo Totalmente). Na adaptação portuguesa desta escala, quanto menor for o número do *score* total, maior é a confiança sentida pelos indivíduos.

A escala original de Rotenberg (2013) foi inspirada na *The Specific Interpersonal Trust Scale (SIT; Johnson-George & Swap, 1982)*. No estudo original de Johnson-George e Swap (1982), a escala elaborada produz uma subescala de confiabilidade com 10 itens e uma subescala emocional com outros 10 itens, mas comum a ambos os sexos, que implicavam juízos entre 9 pontos de uma escala do tipo Likert (1 – Concordo Totalmente a 9 – Discordo Totalmente). Os participantes preencheram as duas subescalas, relativamente a dois pares próximos: um de sexo diferente e outro do mesmo sexo. A escala *SIT* apresentou índices de consistência interna aceitáveis, através do cálculo do alfa de Cronbach (.71-.83; Johnson-George & Swap, 1982).

➤ Questionário de Aceitação-Rejeição Parental

A adaptação portuguesa do Questionário de Aceitação-Rejeição Parental (*ADULT PARQ – The Parental Acceptance-Rejection Questionnaire, Short Form*) de Rohner (2004) é da autoria de Franco-Borges e Vaz-Rebello (2010) e consiste num questionário de auto-relato desenvolvido para medir a perceção dos indivíduos sobre a aceitação-rejeição dos seus pais. Existem três versões deste Questionário, uma versão para adultos (*Adult PARQ*), uma versão para pais (*Parent PARQ*) e uma versão para filhos (*Child PARQ*). O *PARQ* está disponível em duas formas: uma forma extensa (*Standard Form*) e uma forma curta (*Short Form*).

Nesta investigação usou-se a *Adult PARQ, Short Form*, na qual se avalia a perceção que os adultos têm do tratamento da sua mãe (*Adult PARQ: Mother*) e do seu pai (*Adult PARQ: Father*), quando tinham entre 7 e 12 anos de idade, através de 24 itens (Rohner, 2005). Sendo que esta versão deriva da *Long Form* da *Adult PARQ*, é esperado que as condições psicométricas sejam excelentes (Rohner & Khaleque, 2008), pois os estudos realizados com a *versão paterna* obtiveram valores do alfa de Cronbach entre .81 e .97 (Rohner & Brothers, 1998, Luft, 1989, cit. in Rohner & Khaleque, 2008).

Oliveira (2010) e Pires (2010) utilizaram pela primeira vez as versões portuguesas das escalas junto de uma amostra reduzida, para testar a inteligibilidade dos itens. Após esta aplicação preliminar das escalas e da alteração de alguns itens a partir do feedback dos alunos, as escalas foram então administradas a uma amostra de 153 sujeitos, pré-adolescentes, numa escola pública do distrito de Aveiro. Os valores da consistência interna (alfa de Cronbach) para cada uma das subescalas da segunda versão da adaptação portuguesa oscilaram entre .73 e .99 (Oliveira, 2010; Pires, 2010).

No estudo de Oliveira (2012) encontrou-se um alfa de Cronbach considerado bom ($\alpha=.829$) para a *versão paterna*. No que respeita à *versão materna*, no estudo de Santos (2012), obteve-se um valor de consistência interna considerado igualmente bom ($\alpha=.833$).

Este Questionário é composto por quatro escalas: (1) *afetuosidade*, (2) *agressão*, (3) *indiferença/negligência* e (4) *rejeição indiferenciada*.

As respostas obedecem a uma escala de tipo Likert de 4 pontos: 1) Quase Nunca Verdade, 2) Raramente Verdade, 3) Às Vezes Verdade, e 4) Quase Sempre Verdade. O *score* total da escala traduz o nível de rejeição percecionada, podendo oscilar entre 24 (ausência de rejeição percecionada/nível máximo de aceitação percecionada) e 96 (máximo de rejeição percecionada). O ponto modal a partir do qual se considera haver um nível significativo de rejeição percecionada é o valor 56.

Procedimentos

A recolha da amostra para a presente investigação decorreu nos meses de Maio, Junho e Julho, do ano 2014, sendo efetuada pela autora da mesma,

de forma aleatória, na sua rede de contatos, e tendo em conta os critérios de inclusão (ter idade igual ou superior a 18 anos e manter um relacionamento amoroso há, pelo menos, 6 meses). No momento da recolha, foi transmitida uma explicação geral do que se pretendia com o estudo, a cada sujeito, colocando-os à-vontade para o esclarecimento de qualquer dúvida existencial. A aplicação dos questionários obedeceu à seguinte ordem: Questionário Sociodemográfico; Questionário de Aceitação-Rejeição Parental para Adultos (2010); Escala de Confiança Interpessoal (2014). Aquando da aplicação dos instrumentos, foi salvaguardada a confidencialidade dos dados recolhidos. De referir também que a participação no estudo foi voluntária e consentida, tendo como ponto de partida o consentimento informado de cada sujeito.

IV – Resultados

Estando terminada a primeira parte deste estudo, referente ao enquadramento teórico, a segunda, de apresentação de objetivos e a terceira, de descrição da metodologia utilizada, inicia-se agora a quarta parte, relativa à apresentação dos resultados propriamente ditos. Os dados obtidos foram tratados através do programa SPSS 20. Os níveis de significância utilizados neste estudo foram de .05 e de .01.

➤ Descritivas das Variáveis em Estudo

Na Tabela 11 podem verificar-se os dados descritivos de cada uma das variáveis em estudo para a amostra total. Tendo em conta que no que respeita à variável Confiança Interpessoal (CI), quanto mais elevado é o valor, menor é a confiança depositada no par amoroso, e relativamente às variáveis de Aceitação-Rejeição Parental (Total Rejeição Paterna e Materna), quanto mais elevado for o valor, maior é o nível de rejeição parental percecionada, pode considerar-se que o nível de Confiança Interpessoal, no geral, é positivo. No caso do nível de rejeição parental percecionada, pode verificar-se que o comportamento do pai é percecionado como mais rejeitante do que o da mãe, embora não sejam valores considerados elevados, pelo que se pode afirmar que a amostra da presente investigação, em média, não se sente rejeitada pelos pais.

Tabela 11. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo para Amostra Total (N=302)

	M	DP	Mín.	Máx.
Confiança Total	22.19	9.31	10	83
Total Rejeição Paterna	39.25	13.27	24	90
Afectuosidade Pai	25.76	5.69	9	32
Indiferença Pai	10.70	3.99	6	21
Hostilidade Pai	8.66	3.24	6	22
Rej. Indiferenciada Pai	5.65	2.33	4	16
Total Rejeição Materna	33.35	10.44	24	85
Afectuosidade Mãe	28.73	4.15	11	20
Indiferença Mãe	8.51	2.97	6	22
Hostilidade Mãe	8.48	3.21	6	15
Rej. Indiferenciada Mãe	5.10	1.85	4	90

Relativamente aos resultados encontrados para cada uma das variáveis em estudo, tendo em conta o sexo e o nível socioeconómico, considera-se que na amostra masculina (Tabela 12), o nível de confiança interpessoal no par amoroso é menor no nível socioeconómico mais elevado (alto) do que nos restantes. Em relação aos níveis de rejeição percebida, verifica-se que para a mãe os valores são mais baixos que para o pai, o que pressupõe que o sexo masculino desta amostra percebe os comportamentos do pai como menos aceitantes. Contudo, os valores não revelam níveis consideráveis de rejeição percebida.

Tabela 12. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo para Amostra Masculina (N=100)

			Confiança Interpessoal	Aceitação- Rejeição Paterna	Aceitação- Rejeição Materna
NSE	Alto	M	24.75	33.50	28.00
		DP	22.16	8.10	4.83
	Médio- Alto	M	16.95	42.06	33.82
		DP	9.02	10.67	8.45
	Médio	M	15.74	43.53	36.56
		DP	8.26	15.13	12.98
	Médio- Baixo	M	16.48	39.06	31.71
		DP	8.49	14.16	7.87
	Baixo	M	17.00	28.50	28.50
		DP	14.14	6.36	6.36
	Total	M	20.68	41.28	34.21
		DP	7.66	14.09	10.32

Relativamente aos resultados encontrados na amostra feminina (Tabela 13), verifica-se que à medida que o nível socioeconómico desce, os valores de confiança interpessoal no par amoroso aumentam. E, tal como

acontece no sexo masculino, o nível de rejeição percebida é mais elevado para o pai.

Tabela 13. Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em Estudo para Amostra Feminina (N=202)

		Confiança Interpessoal	Aceitação-Rejeição Paterna	Aceitação-Rejeição Materna
NSE	Alto	M	17.59	35.90
		DP	9.88	12.57
	Médio-Alto	M	17.93	35.57
		DP	10.96	12.88
	Médio	M	19.09	40.12
		DP	8.16	14.38
	Médio-Baixo	M	20.86	37.85
		DP	11.68	10.71
	Baixo	M	21.69	40.09
		DP	12.08	14.12
	Total	M	22.94	38.25
		DP	9.96	12.76

➤ Análise Fatorial Exploratória

O contributo para a adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*, 2013), da autoria de Vale-Dias e Franco-Borges (2014), foi realizado a partir de uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), para analisar o padrão de correlações existentes entre as variáveis, pretendendo utilizar esse padrão de correlações para agrupar as suas variáveis em fatores. As autoras da adaptação, seguindo a versão original, propõem a existência de dois fatores: *emocional* e *fidelidade*². Para isso, procedeu-se ao estudo do pressuposto da medida de adequação da amostra através do *Kaiser-Meyer-Olkin* (.93) e ao *Teste de Esfericidade de Bartlett* (p=.000). Estes resultados mostram que a análise fatorial, neste caso, é apropriada (Tabela 14).

Tabela 14. KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett (ECI)

Kaiser-Meyer-Olkin	Teste de Bartlett (Sig.)
.93	.000

Como tal, foi-nos proposta a utilização do método de extracção *Principal Axis Factoring* devido aos fatores serem correlacionáveis, sendo

² *Emotional* e *Reliability* são os nomes dos fatores propostos por Rotenberg (2013).

que o valor de correlação entre os fatores é de $.77^3$. O método de rotação utilizado foi a oblíqua *Promax*, sendo que a distribuição não é normal para as respostas aos itens da escala. Na Tabela 15 podem verificar-se os valores de saturação⁴ de cada item para cada um dos fatores, sendo que os valores dos itens 2, 5 e 6 saturam acima de $.3$ para ambos os fatores, ou seja, cruzam saturações (problemas de *cross-loading*). Logo, sugere-se que os itens 2 (“*Eu posso falar livremente com P e sei que me escutará.*”), 5 (“*Posso confiar em P e sei que quererá sempre ouvir-me.*”) e 6 (“*Se contar a P o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas ou supérfluas.*”) sejam removidos.

Após a extração de fatores foi-nos possível confirmar que os itens 1, 3 e 4 pertencem ao fator *emocional* e, por sua vez, os itens 7, 8, 9 e 10 pertencem ao fator *fidelidade*.

Tabela 15. Sumário de itens e fator loadings com rotação oblíqua *Promax*

Item	Fator		h^2
	1	2	
9. Se decidirmos encontrarmo-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que P lá estará.	1.103	-.234	.874
8. Se P me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.872	.010	.774
7. Se P não se puder encontrar comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo importante aconteceu.	.829	.035	.733
10. Se P ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega na hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.810	.037	.703
5. Posso confiar em P e sei que quererá sempre ouvir-me	.385	.511	.712
6. Se contar a P o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas ou supérfluas.	.412	.393	.573
2. Eu posso falar livremente com P e sei que me escutará.	.335	.470	.575
3. P nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros.	.184	.481	.401
4. Como P conhece o tipo de coisas que magoam os meus sentimentos, não me preocupo que os possa usar contra mim, mesmo que o nosso relacionamento mude.	-.014	.652	.412
1. Se P rir inesperadamente de algo que eu diga ou faça, eu interrogo-me se estará a ser crítico ou desagradável.	-.144	.450	.124

Repara-se ainda que, após a realização da AFE, através do método de extração *Principal Axis Factoring*, com rotação oblíqua *Promax* para dois componentes, o total de variância explicada pelo primeiro componente é cerca de 54.47%, e cerca de 4.34% pelo segundo componente. A variância total explicada é de 58.81% (Tabela 16).

³ Valores acima de $.32$ são considerados correlacionáveis (Devellis, 2003).

⁴ No que respeita às comunalidades, Tabachnick & Fidell (2007) estipulam um ponto de corte em $.30$, valor que se utilizou como critério.

Tabela 16. Total de Variância Explicada (Método de Extração: *Principal Axis Factoring*) (ECI)

	Total	% de Variância	% Acumulada
1	5.447	54.47	54.47
2	.434	4.34	58.81

As autoras da adaptação, de acordo com o estudo original, propunham que os itens 1, 2, 3, 4, 5, e 6 pertenceriam ao fator *emocional* e os itens 7, 8, 9 e 10, por sua vez, pertenceriam ao fator *fidelidade*. Os resultados obtidos nesta AFE vão ao encontro do que foi proposto, sendo que os itens 1, 3 e 4 saturam acima de .3 no fator *emocional* e os itens 7, 8, 9 e 10 saturam acima de .3 no fator *fidelidade*.

➤ Consistência Interna

Escala de Confiança Interpessoal

Foi testada a fidelidade da Escala de Confiança Interpessoal a partir do cálculo do alfa de Cronbach, tendo este obtido um valor considerado excelente ($\alpha=.902$), superando os valores obtidos pelo estudo original da mesma (relatados ao longo da descrição do instrumento). O alfa de Cronbach foi calculado também após a realização da AFE, que propôs a remoção de três dos itens (2, 5 e 6), ficando o valor em .842 (ou seja, um valor considerado bom), como se pode verificar na Tabela 17.

Tabela 17. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal (Completa – Para 10 e para 7 itens)

Alfa de Cronbach	Itens Removidos	Nº de Itens
.902	0	10
.842	3	7

Para avaliar a fiabilidade dos itens e dos fatores da escala, nomeadamente a sua consistência interna, procedeu-se também ao cálculo do alfa de Cronbach. O valor encontrado para o fator *emocional* é de .53 (considerado inaceitável) e para o fator *fidelidade* o valor é de .928 (considerado excelente). É importante referir que os valores do alfa de Cronbach são dependentes do número de itens da escala, e tendo uma escala menos de 10 itens, os valores podem ser bastante baixos (Pallant, 2005). Na Tabela 18 podemos verificar os valores do alfa de Cronbach para cada um dos itens que compõem a escala, após a AFE.

Tabela 18. Consistência Interna para os 7 itens da *Rotenberg's Specific Trust-Scale-Adults* (adaptação portuguesa)

Item	α
9. Se decidirmos encontrarmo-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que P lá estará.	.800
8. Se P me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.795
7. Se P não se puder encontrar comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo importante aconteceu.	.796
10. Se P ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega na hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.798
3. P nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros.	.827
4. Como P conhece o tipo de coisas que magoam os meus sentimentos, não me preocupo que os possa usar contra mim, mesmo que o nosso relacionamento mude.	.838
1. Se P rir inesperadamente de algo que eu diga ou faça, eu interrogo-me se estará a ser crítico ou desagradável.	.876

➤ **Relação entre as Variáveis: Teste das Hipóteses**

Estudo da relação entre a aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal no par amoroso

Hipótese 1 – Existe uma associação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal depositada no par amoroso.

Analisando a relação de associação entre níveis de aceitação-rejeição parental e níveis de confiança interpessoal depositada no par amoroso encontram-se fracas correlações. No caso específico do pai, a aceitação-rejeição deste apresenta uma correlação muito baixa com a confiança interpessoal depositada no par amoroso, calculada através do coeficiente de correlação de *Pearson* ($r=.141$)⁵. O mesmo acontece com os níveis de aceitação-rejeição materna, que embora tenha um valor ligeiramente mais elevado, a correlação é de .144 e, por isso, continua a se considerar muito baixa. No entanto, a relação de associação entre estas variáveis mostra-se estatisticamente significativa ($p<.05$). Analisaram-se ainda as correlações existentes entre a aceitação-rejeição parental e os fatores que compõem a Escala de Confiança Interpessoal, notando-se um coeficiente de correlação

⁵ Segundo Pestana e Gajero (2000) “por convenção, sugere-se que R menor que 0.2 indica uma associação muito baixa; entre 0.2 e 0.3 baixa; entre 0.4 e 0.69 moderada; entre 0.7 e 0.89 alta; e por fim entre 0.9 e 1 uma associação muito alta.” (p.146).

de *Pearson* de .117 entre a aceitação-rejeição paterna e o fator *emocional* e de .131 entre a aceitação-rejeição paterna e o fator *fidelidade*, sendo ambas estatisticamente significativas ($p < .05$). Entre a aceitação-rejeição materna e o fator *emocional*, encontra-se um coeficiente de correlação de *Pearson* de .149, e com o fator *fidelidade* a aceitação-rejeição materna apresenta um $r = .097$. Apesar de os valores dos coeficientes de correlação de *Pearson* se considerarem muito baixos, ambos apresentam números estatisticamente significativos ($p < .01$) (Tabela 19).

Assim sendo, não se aceita a hipótese nula (H_0) e aceita-se a hipótese 1 (H_1).

Tabela 19. Valores do Coeficiente de Correlação de Pearson A-R paterna e materna vs. Confiança Interpessoal e Fatores

	Aceitação- Rejeição Paterna	Sig.	Aceitação- Rejeição Materna	Sig.
Confiança Interpessoal (score total)	0.141	.014	0.144	.012
Fator <i>Emocional</i>	0.117	.042	0.149	.009
Fator <i>Fidelidade</i>	0.131	.023	0.097	.094

Hipótese 2 – A percepção de aceitação-rejeição parental influencia a confiança interpessoal depositada no par amoroso.

No sentido de testar a direção da relação existente entre níveis de aceitação-rejeição parental e níveis de confiança interpessoal no par amoroso, utilizou-se uma análise dos níveis de aceitação-rejeição paterna e materna, isoladamente, observando a influência que teriam nos níveis de confiança interpessoal no par amoroso. Assim, através de uma regressão linear, conclui-se que, no caso da aceitação-rejeição paterna, a influência é muito reduzida ($\text{Adj } R^2 = .017$) e o da aceitação-rejeição materna é igual ($\text{Adj } R^2 = .017$). Consegue perceber-se também que a influência, em termos de resultados padronizados, da variável aceitação-rejeição parental (do pai) na confiança interpessoal no par amoroso é de 14.1% ($\beta = .141$), e a aceitação-rejeição materna influencia em 14.4% ($\beta = .144$) essa confiança. Estes valores revelam que a variação dos níveis de aceitação-rejeição parental influencia a variação dos níveis de confiança interpessoal depositada no par amoroso. Esta relação de influência é estatisticamente significativa ($p < .05$), pelo que se aceita a hipótese 2 (H_2).

Hipótese 3 – A aceitação-rejeição paterna tem maior influência do que a materna na qualidade da confiança interpessoal feminina no par amoroso.

No que respeita ao teste da hipótese da maior influência que a aceitação paterna tem na confiança interpessoal feminina depositada no par amoroso, utilizou-se uma regressão linear, considerando quer a aceitação paterna quer a aceitação materna. Nota-se assim que a aceitação paterna tem uma influência muito reduzida (Adj $R^2=.008$) na confiança interpessoal feminina, no par amoroso, e a aceitação materna também (Adj $R^2=.011$). Em termos de resultados padronizados, a variável aceitação paterna influencia em 11.2% ($\beta=.112$) a variável confiança interpessoal no par amoroso, para a amostra feminina, e a variável aceitação materna influencia a mesma variável em 12.8% ($\beta=.128$).

Efetivamente, a influência da aceitação paterna não se verifica maior do que a influência da aceitação materna na confiança interpessoal que a amostra feminina deposita no par amoroso, levando assim à não rejeição da hipótese nula (H_0). Com efeito, os resultados não se consideram estatisticamente significativos ($p>.05$, em ambos os casos).

Hipótese 4 – A aceitação-rejeição paterna tem maior influência na qualidade da confiança interpessoal masculina no par amoroso.

No que respeita à maior influência que a aceitação paterna tem na confiança interpessoal, neste caso masculina, depositada no par amoroso, realizou-se uma regressão linear, quer da aceitação paterna quer da aceitação materna. Nota-se assim que a aceitação paterna influencia ligeiramente a confiança interpessoal masculina depositada no par amoroso (Adj $R^2=.056$) e que a influência da aceitação materna é mais reduzida (Adj $R^2=.035$). Em termos de resultados padronizados, a variável aceitação paterna influencia em 25.6% ($\beta=.256$) a variável confiança interpessoal no par amoroso, para a amostra masculina, e a variável aceitação materna influencia a mesma variável em 21.2% ($\beta=.212$).

Assim sendo, não se aceita a hipótese nula (H_0) e aceita-se a hipótese 4 (H_4), sendo que os resultados encontrados para a influência da aceitação-rejeição paterna são estatisticamente significativos ($p<.05$) e os resultados encontrados para a influência da aceitação-rejeição materna não são estatisticamente significativos ($p>.05$).

Estudo da relação entre as variáveis sociodemográficas e a confiança interpessoal no par amoroso

Ao analisar-se o tipo de relação existente entre as variáveis sociodemográficas (VSD) e a confiança interpessoal (CI) depositada no par amoroso, através de uma regressão linear, percebe-se que a relação entre estas é pouco linear (Adj $R^2=.061$).

Através da Tabela 20, verifica-se que a variável sexo tem uma relação de influência estatisticamente significativa ($p < .05$) na confiança interpessoal depositada no par amoroso e as restantes variáveis sociodemográficas não têm ($p > .05$). Tendo em conta este resultado, podem considerar-se os valores do Total presentes nas Tabelas 12 e 13, que mostram que, por exemplo na amostra feminina, e comparando com a amostra masculina, o valor de confiança interpessoal é maior. Logo, a amostra feminina tem menos confiança no par amoroso, do que a masculina.

Tabela 20. Regressão Linear entre VSD e a CI

	Resultados Padronizados	Sig.
Idade	.161	.252
Sexo	.146	.018
Educação	-.146	.051
Emprego	-.098	.109
Nível SE	.002	.970
Estatuto Marital	.128	.176
Tempo da Relação Atual	.093	.522

V – Discussão

Esta investigação pretendeu saber se a confiança interpessoal depositada no par amoroso está relacionada com a qualidade das diferentes relações estabelecidas com os pais ao longo da infância e até que ponto a perceção da aceitação-rejeição parental influencia a confiança interpessoal mantida no par amoroso. Ambicionou também contribuir para o estudo da confiança interpessoal, através do estudo psicométrico. Estipularam-se objetivos principais e específicos, indo ao seu encontro, através do teste das hipóteses e resposta às questões colocadas.

O objetivo principal constituiu o cerne das primeiras hipóteses colocadas e os objetivos específicos passaram pela contribuição para a adaptação da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*, 2013) e pela análise da relação entre algumas das variáveis sociodemográficas dos sujeitos e a confiança interpessoal.

Na contribuição para a adaptação da Escala de Confiança Interpessoal procedeu-se a uma Análise Fatorial Exploratória, que se mostrou adequada e, a partir dos resultados obtidos na mesma, sugere-se que esta escala possui dois fatores, sendo que se removeram três itens, por saturarem em ambos os fatores.

A partir dos resultados obtidos nas análises descritivas e inferenciais dos dados disponíveis, tem-se que a amostra é constituída por 302 sujeitos, na qual 202 são do sexo feminino e 100 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos. É composta por pessoas que

mantêm um relacionamento atualmente, com duração igual ou superior a 1 ano. Assim, pode considerar-se que a amostra estava apta para responder de forma assertiva, sendo que uma das escalas utilizadas pedia para avaliar a confiança interpessoal mantida no par amoroso atual.

Para analisar as hipóteses sugeridas, tendo em conta a revisão de literatura realizada, calcularam-se coeficientes de correlação de *Pearson* e realizaram-se regressões lineares.

O teste da primeira hipótese (H_1) pretendeu analisar a existência de associações entre a variável aceitação-rejeição parental e a variável confiança interpessoal no par amoroso, sugerindo existir uma relação entre os níveis de cada uma das variáveis, na medida em que níveis mais elevados de aceitação parental se relacionavam com níveis mais elevados de confiança interpessoal no par amoroso e níveis mais elevados de rejeição parental se relacionavam com níveis mais baixos de confiança interpessoal no par amoroso. Para testar esta hipótese utilizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*, entre as duas variáveis, a qual se mostrou muito baixa. Tanto para o caso da aceitação-rejeição paterna, como para o caso da materna ($r=.141$; $r=.144$, respetivamente). No entanto, a relação de associação, apesar de muito baixa, mostra-se estatisticamente significativa ($p<.05$). Os valores da correlação não se revelaram fortes, ainda assim, em termos estatísticos, são suficientes para se aceitar a hipótese 1. Cabe, no entanto, dizer que, dados os baixos valores correlacionais, as relações encontradas são pouco expressivas, de significado muito reduzido. A fraca correlação pode acontecer devido à existência de altos níveis de resiliência por parte dos sujeitos, sendo que uma das subteorias da Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (de *Coping*) lida com a questão de como alguns indivíduos rejeitados parecem capazes de resistir aos efeitos da rejeição, sem sofrer as consequências negativas para a saúde mental (Rohner, 2004).

A segunda hipótese (H_2) permitiu analisar a direção da associação existente entre as variáveis, ou seja, possibilitou saber até que ponto níveis elevados de aceitação-rejeição parental levavam a altos níveis de confiança interpessoal no par amoroso. Os resultados da regressão linear realizada para esta análise mostraram que, no caso da aceitação-rejeição paterna, a influência é muito reduzida (Adj $R^2=.017$) e no caso da aceitação-rejeição materna é igual (Adj $R^2=.017$). Consegue perceber-se também, em termos de resultados padronizados, que a influência da variável aceitação-rejeição paterna na confiança interpessoal no par amoroso é de 14.1% ($\beta=.141$), e a aceitação-rejeição materna influencia em 14.4% ($\beta=.144$), a confiança. A relação de influência da aceitação-rejeição parental é estatisticamente significativa ($p<.05$), pelo que se aceita a hipótese 2. Deste modo, pode sugerir-se que os resultados, embora modestos, confirmam a existência de uma influência desta ligação, o que vai ao encontro do que é defendido por Bridges (2003 cit. in Smetana, 2010). Segundo o autor, a confiança na responsividade e disponibilidade das figuras de vinculação, na infância, é um elemento crucial no estabelecimento de relações próximas. Estas relações são vistas como potenciais influências, por um lado, no ajustamento positivo na infância e em todo o ciclo de vida, e por outro, no estabelecimento de

relações entre pares e com o par amoroso (Allen & Land, 1999, cit. in Smetana, 2010). A literatura tem demonstrado que existem, no entanto, outros fatores a considerar. Por exemplo, no estudo de Parmar e Rohner (2005) percebe-se que a aceitação do parceiro íntimo pesa na confiança interpessoal depositada nele mesmo. Assim, existem diversas variáveis que podem influenciar a confiança interpessoal, sendo uma problemática que se deve continuar a estudar em posteriores investigações para se perceber o ponto de partida mais favorável à fomentação da confiança nos indivíduos e, por efeito, na sociedade.

As hipóteses 3 (H₃) e 4 (H₄) sugeriam que a aceitação paterna teria maior influência do que a materna na qualidade da confiança interpessoal depositada no par amoroso, tanto para os sujeitos do sexo feminino, como para os do masculino. No caso dos sujeitos femininos, a aceitação materna parece ter maior peso na confiança interpessoal (Adj R²=.011) do que a aceitação paterna (Adj R²=.008). Os resultados revelaram ainda que, no caso dos sujeitos masculinos, a aceitação paterna tem um peso maior na confiança interpessoal (Adj R²=.056), do que a aceitação materna (Adj R²=.035). No entanto, cabe referir que apenas a influência paterna na confiança interpessoal masculina se revela estatisticamente significativa (p<.05).

Assim, o resultado mais considerável retirado desta análise está na influência que a aceitação paterna tem na confiança interpessoal masculina. Resultado este que vai ao encontro do que é sugerido nas investigações de Parmar e Rohner (2005) e de Rohner, Melendez e Kraimer-Rickaby (2008), que encontraram que a aceitação paterna (mas não materna) prediz o ajustamento psicológico em adulto e que quando percebida durante a infância mediava a relação entre a percepção da aceitação do parceiro e o ajustamento psicológico.

Procedeu-se ainda ao estudo da relação entre variáveis sociodemográficas e a confiança interpessoal no par amoroso. Analisou-se o tipo de relação existente entre as variáveis sociodemográficas e a confiança interpessoal depositada no par amoroso, percebendo-se, através de uma regressão linear que essas têm uma fraca influência (Adj R²=.061).

De entre as variáveis sociodemográficas, apenas a variável sexo tem uma relação de influência estatisticamente significativa (p<.05).

Em termos globais, pode sugerir-se que as variáveis analisadas, apesar de apresentarem uma fraca correlação com a confiança interpessoal, e de influenciarem pouco a mesma, contribuem ainda assim para o estabelecimento e manutenção da confiança interpessoal no par amoroso, sendo que em investigações posteriores se poderá estudar até que ponto outros fatores, tais como a aceitação por parte do próprio par, influenciam essa confiança.

Efetivamente, embora pouco se saiba sobre o que predispõe os adultos a se relacionarem, conflituosa ou harmoniosamente, com os seus parceiros românticos, a influência da qualidade das relações enquanto criança é um facto muito referido pela literatura. Algumas investigações sugerem isso mesmo – a qualidade das relações com os pais em criança está associada à qualidade das relações íntimas em adulto. Na sua investigação, Quinton,

Rutter e Liddle (1984) descobriram que, ao comparar raparigas que foram criadas em famílias com raparigas que foram criadas em ambientes institucionais, estas apresentavam maior propensão a experimentar instabilidade nos seus relacionamentos amorosos e problemas conjugais na vida adulta. Embora de forma menos expressiva, os resultados obtidos nas análises feitas na presente investigação sugerem também o papel positivo que a perceção de relações equilibradas, de aceitação, durante a infância, podem assumir em certos aspetos das relações íntimas ulteriores.

Os resultados desta investigação não se mostraram consideravelmente significativos, no entanto, mostraram existir ligação entre a perceção da relação com cada um dos pais e a confiança interpessoal depositada no par amoroso.

VI - Conclusões

Esta investigação teve início através de uma revisão bibliográfica acerca das temáticas nela inseridas. Verificou-se que a confiança interpessoal constitui uma das mais importantes características para o estabelecimento e a manutenção de relações afetivas, assumindo uma grande importância na vida de cada indivíduo. A compreensão deste construto fez-se através da exposição do modelo teórico de Rotenberg, que fraciona a confiança interpessoal em variadas e importantes características, e serviu de base para esta e outras investigações relacionadas com a confiança interpessoal.

Através da revisão bibliográfica também se verificou que a aceitação-rejeição parental é universalmente apontada como uma poderosa preditora de ajustamento psicológico e comportamental, ao longo da vida. Para se compreender melhor este construto, expôs-se a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (formalmente conhecida como Teoria da Aceitação-Rejeição Parental), de Ronher, sendo também esta uma teoria rica, que serviu de apoio e orientação para esta e outras pesquisas.

Em termos de exploração dos dados recolhidos junto de sujeitos a partir dos 18 anos, para perceber as possíveis relações entre a perceção da aceitação-rejeição parental e a confiança no par íntimo, o estudo iniciou-se com a contribuição para a adaptação da Escala de Confiança Interpessoal, através de uma Análise Fatorial Exploratória. Os resultados desta contribuição sugerem que, para esta amostra portuguesa, a escala é composta por dois fatores (*emocional* e *fidelidade*). Consegue verificar-se que, ao nível da fiabilidade, os valores de alfa encontrados em cada uma das etapas desta escala são polémicos, sendo que para a escala proposta, com 7 itens, o alfa passa de excelente a bom. Este facto deve justificar-se pelo fator emocional, que se reduz a 3 itens e para o qual o valor de alfa é baixo, após a AFE, sendo que fica a sugestão de uma revisão pormenorizada de cada um desses itens, para uma possível reformulação, em investigações posteriores.

Seguidamente testaram-se as hipóteses, que estudaram a relação entre a aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal no par amoroso e a relação entre as variáveis sociodemográficas e a confiança interpessoal no par amoroso.

As principais conclusões retiradas desta investigação propõem que: a) a Escala de Confiança Interpessoal é adequada à população portuguesa, sugerindo-se a remoção de 3 itens; b) existe uma correlação muito baixa entre a aceitação-rejeição parental e a confiança interpessoal no par amoroso; c) a influência da aceitação-rejeição parental na confiança interpessoal no par amoroso é muito reduzida; d) a aceitação paterna tem um peso superior na confiança interpessoal masculina, em comparação com a aceitação materna; e e) apenas a variável sociodemográfica sexo influencia significativamente a confiança interpessoal no par amoroso.

Tendo em conta o processo de pesquisa e as conclusões retiradas deste estudo, há que apontar algumas limitações no que a ele diz respeito.

Reconhece-se que teria sido oportuno aplicar uma escala que avaliasse a perceção de aceitação do par amoroso, no sentido de se poder comparar com a perceção de aceitação-rejeição parental, na influência que teria na confiança interpessoal.

Também o facto de a amostra ter sido recolhida num meio em que, supostamente, todos os sujeitos tinham uma família nuclear, pode ter enviesado o estudo, no sentido em que se deveria ter procurado recolher alguma parte da amostra junto de pessoas mais suscetíveis de ter sentido rejeição parental, de alguma forma.

Em suma, e tendo em conta as limitações apontadas à presente investigação, seria aconselhável estudar-se a relação e influência que a aceitação do par amoroso teria no desenvolvimento e manutenção da confiança interpessoal, bem como investigar que outras variáveis poderão levar a esse desenvolvimento, sendo que ao se conhecer a fonte de confiança, se poderá auxiliar na promoção de pessoas mais confiáveis.

Bibliografia

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist, 44*, 709-716.
- Amato, P. R., & Booth, A. (2001). The legacy of parents' marital discord: consequences for children's marital quality. *Journal of Personality and Social Psychology, 81*, 627-638.
- Baldwin, M. W. (1992). Relational schemas and the processing of social information. *Psychological Bulletin, 112*, 461-484.
- Berscheid, E., & Peplau, L. A. (1983). The Emerging Science of Relationships. In Kelly, H. H., Berscheid, E., Christensen, A., Harvey, J. H., Huston, T. L., Levinger, G., McClintock, E., Peplau, L. A., & Peterson, D. R. (Eds.). *Close Relationships*. New York, San Francisco: W. H. Freeman and Company.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: Vol. I. Attachment. New York: Basic Books.
- Brown, B. B. (1999). "You're going out with who?" Peer group influences on adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 291-329). Cambridge: Cambridge University Press.
- Butler, J. K. (2001). Reciprocity of dyadic trust in close male-female relationships. *The Journal of Social Psychology, 126*(5), 579-591.
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder, G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: a developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*, 224-237.
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale Development: Theory and applications* (2^a ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Erikson, E. H. (1966). *Enfance et société*. Neuchatel: Délacliaux et Niestlé.
- Feldman, S., Gower, L., & Fischer, L. (1998). Family relationships and gender as predictors of romantic intimacy in young adults: a longitudinal study. *Journal of Research on Adolescence, 8*, 263-286.
- Franco-Borges, G., Vaz-Rebello, P. & Vale Dias, M. L. (2013). *Enfant accepté - parent acceptant ? Les précurseurs du développement de l'identité parentale*. *Revue Internationale de l'Education Familiale, 33*, 85-106.
- Holmes, J. G., & Rempel, J. K. (1989). Trust in close relationships. In C. Hendrick (Ed.), *Close relationships* (pp. 187-220). Newbury Park, CA: Sage.
- Huyck, M. H. & Hoyer, W. J. (1982). *Adult Development and Aging*. Belmont, California: Wadsworth.
- Johnson-George, C., & Swap, W. C. (1982). Measurement of specific interpersonal trust: Construction and validation of a scale to assess trust in a specific other. *Journal of Personality and Social Psychology, 43*, 1306-1317.
- Kagan, J. (1978). The parental love trap. *Psychology Today, 12*, 54-61.

- Maroco, J. (2007). *Análise estatística – com a utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Collins, N. L. (2006). Optimizing Assurance: The Risk Regulation System in Relationships. *Psychological Bulletin*, *132*, 641-666.
- Neves, S. T. (2007). *Concepções pessoais de competência: Contributos para a construção e validação de um modelo compreensivo no contexto de realização escolar*. Tese de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory (2ª ed.)*. New York: McGraw-Hill.
- Oliveira, M. C. G. (2012). *A generatividade e a percepção de aceitação-rejeição paterna na transição para a parentalidade*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- Oliveira, P. A. (2010). *Ajustamento Pessoal e Académico dos/as Pré-Adolescentes: Impacto da Aceitação versus Rejeição Parental e do Suporte Social Percecionados*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12) (2nd ed.)*. Crows Nest: Allen & Unwin.
- Parmar, P. & Rohner, R. P. (2005). Relations among Perceived Intimate Partner Acceptance, Remembered Parental Acceptance, and Psychological Adjustment among Young Adults in India. *Ethos*, *33*, 3, 402-413.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS*. (2.ª Ed. Revista e Aumentada). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pires, A. M. S. (2010). *Aceitação-Rejeição Parental Percecionada e Ajustamento Psicológico e Académico da Criança*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Quinton, D., Rutter, M., & Liddle, C. (1984). Institutional rearing, parenting difficulties and marital support. *Psychological Medicine*, *14*, 107-124.
- Rohner, R. P. (1986). *The Warmth dimension: Foundations of parental acceptance-rejection theory*. Beverly Hills, CA: Sage Publications, Inc. (Available from Rohner Research Publications).
- Rohner, R. P. (2004). The Parental “Acceptance-Rejection Syndrome”: Universal Correlates of Perceived Rejection. *American Psychologist*, *59*, 830-840.
- Rohner, R. P. (2005) *Parental Acceptance-Rejection Questionnaire (PARQ): Test Manual*. In Rohner, R. P. & Khaleque, A. (2008). *Handbook for*

- the study of parental acceptance and rejection. (4thed.) Storrs: Rohner Research Publications, USA.
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2008). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection* (4thed.). Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P., Khaleque, A., & Cournoyer, D. E. (2005). Parental Acceptance-Rejection: Theory, Methods, Cross-Cultural Evidence, and Implications. *Ethos*, 33, 299-334.
- Rohner, R., Melendez, T., & Kraimer-Rickaby, L. (2008). Intimate partner acceptance, parental acceptance in childhood, and psychological adjustment among american adults is ongoing attachment relationships. *Cross-Cultural Research*, 42(1), 13.
- Rotenberg, K. J. (1994). Loneliness and interpersonal trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13(2), 152-173.
- Rotenberg, K. J. (2001). Interpersonal Trust across the Lifespan. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 7866-7868). New York: Pergamon.
- Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: a basis, domain and target framework. In K. J. Rotenberg (Eds.), *Interpersonal trust during childhood and adolescence*. (pp. 8-27). University of Keele: Cambridge University Press.
- Rotenberg, K. J., Betts, L. R., Eisner, M., & Ribeaudd, D. (2012). Social antecedents of Children's Trustworthiness. *Infant and Child Development*. 21: 310-322.
- Rotenberg, K. J., MacDonald, K. J., & King, E. M. (2004). The relationship between loneliness and interpersonal trust during middle childhood. *The Journal of Genetic Psychology*, 165, 233-249.
- Rotter, J. B. (1967). A new scale for the measurement of interpersonal trust. *Journal of Personality*, 35, 651-665.
- Rousseau, D. M., Sitkin, S. B., Burt, R. S., & Camerer, C. (1998). Not so diferente after all: a cross-discipline view of trust. *Academy of Management Review*, Vol. 23, No. 3, 393-404.
- Santos, C. A. (2012). *Relação entre a rejeição materna percebida e a generatividade de mulheres grávidas e parceiros*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 519-531.
- Seiffge-Krenke, I., Overbeek, G., & Vermulst, A. (2010). Parent-child relationship trajectories during adolescence: Longitudinal associations with romantic outcomes in emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 33, 159-171.
- Simpson, J. A. (2007). Psychological Foundations of Trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 264-268.

- Smetana, J. G. (2010). The role of trust in adolescent-parent relationships: To trust you is to tell you. In K. J. Rotenberg (Eds.), *Interpersonal trust during childhood and adolescence*. (pp. 223-246). University of Keele: Cambridge University Press.
- Stocker, C. M., & Richmond, M. K. (2007). Longitudinal association between hostility in adolescents' family relationships and friendships and hostility in their romantic relationships. *Journal of Family Psychology, 21*, 490-497.
- Stogdill, R. M. (1937). Survey of experiments on children's attitudes toward parents: 1894-1936. *Journal of Genetic Psychology, 51*, 293-303.
- Tabachnick, B. & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed.). Boston: Pearson.
- Varan, A. (2005). Relation between Perceived Parental Acceptance and Intimate Partner Acceptance in Turkey: Does History Repeat Itself?. *Ethos, 33*, 3, 414-426.
- Waldinger, R. J., Diguier, L., Guastella, F., Lefebvre, R., Allen, J. P., Luborsky, L., et al. (2002). The same old song? Stability and change in relationship schemas from adolescence to young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence, 31*, 17-29.
- Wieselquist, J., Rusbult, C. E., Foster, C. A., & Agnew, C. R. (1999). Commitment, Pro-Relationship Behavior, and Trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 77*, 942-966.

Anexos